a r (n.t.) e

curadoria **ALINE DAKA**

artistas da edição

FARZANEH RADMEHR fotografia

ROSE O'NEILL ilustração

7°

ensaio + mostra virtual
edição trilíngue

Suplemento de Arte (n.t.) Revista Literária em Tradução | 7°
ISSN 2177-5141

(n.t.) | 7º

Suplemento de Arte
Junho 2015

Curadoria
Aline Daka

Edição
Gleiton Lentz

Tradução
Miguel Sulis
Mehdi Javaherian Rad

Consultoria linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão
Equipe (n.t.)

Artistas
Farzaneh Radmehr
Rose O'Neill

.

.

.

O Suplemento de Arte integra a (n.t.) Revista Literária em Tradução nº 7
licenciada na Creative Commons Licença Internacional 3.0
atribuição uso não-comercial de obras derivadas

www.notadotradutor.com/galeria
ISSN 2177-5141

FOTOGRAFIA

[Farzaneh Radmehr]

Página | 4

ILUSTRAÇÃO

[Rose O'Neill]

Página | 24

(n.t.

FOTOGRAFIA

Fotografia introspectiva para além das fronteiras: as imagens silenciosas de Farzaneh Radmehr

عکاسی درونگرایانه در آن‌سوی مرزها : تصویرِ سکوت در عکس‌های فرزانه رادمهر

Introspective photography beyond the borders: silent images by Farzaneh Radmehr

Aline Daka

ENSAIO TRILÍNGUE/TRILINGUAL ESSAY

Quando, no contato com a arte, não desejamos um encontro que seja raro? Uma descoberta distinta que nos atinja, que poeticamente supere barreiras linguísticas e culturais, e que desconstrua nossos parâmetros mais endurecidos, como os desacordos e os estereótipos que definem e alargam distâncias? A fotógrafa iraniana Farzaneh Radmehr cria imagens para reconstruir seu olhar sobre si e o mundo, são cenas silenciosas que, em natureza introspectiva, geram a sua própria voz. Suas fotos são autorais, construídas como imagens-poema, como autoliberação e desejo, sobressaindo-se a toda palavra estrangeira. Mas imaginaria ela, como criadora dessa voz, o quão próxima está de romper fronteiras, promovendo encontros com a sua arte, reinventando ficções e estimulando reflexões e sentimentos? Se suas imagens reencontram a artista como criadora, significando uma resposta a uma realidade que lhe é tão própria, elas também nos oferecem uma rara oportunidade, em que a fotografia pode ser tão abrangente e encantadora, que se torna capaz de atingir intensamente o coração das questões humanas, as quais, em maior e menor grau, todos podemos reconhecer e compartilhar.

Hijab (véu)

A imagem poética é puro desejo, metáfora que envolve a realidade como um véu. "Véu" que termina por esvanecer-se quando transforma o sentido daquilo que cobre, reinventando suas formas, gerando-as e fazendo-as emergir. As imagens de Radmehr elaboram essa alquimia, recriam um mundo. Mas um mundo silencioso, como se a linguagem precisasse de um silêncio que lhe é próprio, como se o solicitasse, o exigisse, camada a camada... invólucros de significados.

Na série em que a fotógrafa trabalha a *performance* de mulheres com véu − um símbolo característico do mundo feminino iraniano −, ela não restringe seus significados e sua força. Antes, o mundo por debaixo do véu dessas imagens é o labirinto humano. A cena, um lugar fechado, espaço onde performances interiores se expressam como numa dança. Assaz simbólicas, as mulheres são como aparições, alegorias espirituais que dialogam com seus próprios sentimentos, versões de uma mesma mulher a multiplicar-se, ou talvez, um feminino que ora se protege e ora se despe de suas próprias memórias. Figuras que, por sua vez, penetram e surgem da atmosfera do lugar como que à deriva ou tentando se encontrar, resguardando seus segredos. Há uma forte sensação de clausura, de autoconfinamento, de autossalvação. São imagens que versam sobre a solidão, a incomunicabilidade de um ritual interno, reproduzindo sensações que se colocam como questões existenciais. Para Radmehr, o contexto de seu trabalho se estende para além de retratar questões sociopolíticas de seu país, pois busca romper fronteiras, abranger o cosmos.

Para ela, atualmente, "as fotos com temas políticos e sociais do Irã são mais atraentes para os estrangeiros como o Hijab, a limitação das mulheres", elemento presente no trabalho de muitos fotógrafos. Contudo, ela acrescenta que, de um modo subjacente, tais questões estão presentes em sua obra ou que a sua crença quanto a essas questões concordem com elas, embora prefira não mostrá-las em suas fotos diretamente. "Para mim, o eu do ser humano como criatura, o cosmos e todos os segredos são a coisa mais importante. A 'mulher' também é muito especial para mim, tenho uma tendência forte e misteriosa por essa criatura para provocar cada parte de seu mundo. A câmera é um orifício através do qual eu pude olhar para mim mesma e para a vida, precisamente!"

Imagens silenciosas, vida interior

O processo criativo da fotógrafa é bastante intuitivo e sensível. Ela explora a vida, apreende-a, reinterpreta suas cenas guiada pelo ver e sentir. E, muitas vezes, ela mesma posa para suas fotos, assumindo o papel de direção. Nesse sentido, alguns trabalhos são, no mínimo, provocativos, como nas fotografias do corpo feminino com camisa masculina em estranha proximidade e naquela em que sapatos femininos jazem na solidão de um quarto íntimo. Esta última, mágica e solene, parece querer revelar algo, imprimir sua história e sentimento na obscuridade do ambiente, pois, como numa cena de cinema, os sapatos evocam uma presença misteriosa, dando forma à silenciosa atmosfera do lugar. E, como um sinal, um testemunho, a imagem *reimagina* um passado e um futuro.

É concebendo e construindo esses universos poéticos que o trabalho de Radmehr forma a sua voz. Na fotografia em que uma mulher velada, inteiramente de preto, une suas mãos ao peito, ela parece sussurrar. Sensivelmente, seu coração se expõe ao passo que se esconde entre as mãos. Um segredo confesso? Há um aspecto ritualístico nesse ato que é perturbador, solene. Essa imagem é um retrato de grande beleza, pois representa o interior de sua alma, revela-o como um enigma: tudo está mantido

entre as mãos, na sua gestualidade. Vê? Todo o sentimento, todo o segredo, comunicados pelo gesto de mantê-los para si e, ao mesmo tempo, fazer que com os sintamos. Fotografia tão urgente quanto o trabalho que apresenta uma mulher escondida atrás de um manto preto sob um fundo vermelho. O *silêncio*, agora, como manifesto e alarme.

Farzaneh Radmehr vive e trabalha em Teerã. Possui obras expostas em galerias de arte no Irã e em diversos países. ▪

Farzaneh Radmehr
Foto de Saeed Rezvanian

عکاسی درونگرایانه در آن‌سوی مرزها :
تصویرِ سکوت در عکس‌های فرزانه رادمهر

ترجمه: مهدی جواهریان راد

آیا زمانی هست، که در برخورد با اثری هنری، اشتیاق یک رودرویی نامتعارف را نداشته باشیم؟ اشتیاقِ کشفِ منحصر به فردی که ما را تکان می‌دهد و به شکل شاعرانه‌ای بر زبان و موانع فرهنگی ما غالب می‌شود و سرسختانه‌ترین خصلت‌های ما همچون اختلاف نظرها و الگوهای رفتاری که تعیین‌کننده و تمدید کننده‌ی فاصله‌ی میان انسان‌ها است را کاملا می‌شکند؟ فرزانه رادمهر، عکاس ایرانی، دست به خلق تصاویری می‌زند تا دیدگاه خود را نسبت به خودش و جهان از نو بازسازی کند، و صحنه‌های مسکوت او با یک درون‌گرایی طبیعی، هر بار صدای خودشان را می‌یابند. عکس‌های او ساختگی است، با ساختاری همچون یک شعر تصویری، و به مثابه‌ی یک میل درونی و یک خود-رها-سازی که در برابر هر واژه‌ی بیگانه‌ای ایستادگی می‌کند. اما آیا خود عکاس، که آفریننده‌ی این صداها است، تصور می‌کرد که چقدر به این ورطه نزدیک شده است که در رویارویی با هنرش، مرزها را در هم می‌شکند و به بازسازی روایت‌ها و برانگیختن اندیشه‌ها و احساسات دست خواهد یافت؟ عکس‌های او نه تنها منجر به یگانگی هنرمند و خالق می‌شود، و واکنشی منحصر به فرد به واقعیت را در بر دارد، بلکه فرصتی نایاب را در پیش روی ما قرار می‌دهد، تا شاهد عکس‌های فراگیر و چشم‌گیری باشیم که به عمیق‌ترین بخش‌های روابط انسانی ما نفوذ می‌کند، و کم و بیش، همگی ما می‌توانیم آن را درک کنیم و سهمی در آن داشته باشیم.

حجاب (پرده)

تصویر شاعرانه، یک میل ناب است، استعاره‌ای است که واقعیت را همچون پرده‌ای در بر می‌گیرد. پرده‌ای که محو می‌شود وقتی که معنای آنچه را پوشانده بود به کل تغییر می‌دهد، ساختارهایش را بازآفرینی می‌کند، شکل‌شان می‌دهد و پدیدارشان می‌سازد. تصاویر فرزانه رادمهر به شکل استادانه‌ای دست به این کیمیاگری می‌زند، و جهان نوینی خلق می‌کند؛ جهانی مسکوت که زبان برای بیان آن به یک سکوت احتیاج دارد؛ جهانی که از زبان می‌خواهد و درخواست می‌کند تا ساکت بماند تا لایه به لایه معانی را در خود جاسازی کند.

در مجموعه‌ای که عکاس بر روی نمایش زنان محجبه -که یک مشخصه‌ی نمادین از دنیای زنان ایرانی است- کار می‌کند، معانی و توان آن‌ها را محدود نمی‌کند. جهان زیرینِ پرده‌هایی که در این عکس‌ها است همچون یک هزارتوی انسانی است. صحنه‌ی عکس‌ها، فضایی بسته است؛ فضایی که این نمایش‌ها همچون رقص بیان می‌شوند. و زنان عکس‌ها به شکلی نمادین، همچون اشباح و نشانه‌هایی روحانی هستند که احساسات شخصی خویش را بیان می‌کنند، و یا همچون نسخه‌هایی از زنی هستند که چندگانه شده‌اند، و یا تصویری زنانه هستند که گاهی با چادر به محافظت از خود می‌پردازد و سپس پرده از خاطرات خود بر می‌دارد. فیگورها در این عکس‌ها همزمان با هم به درون فضای عکس وارد می‌شوند و بیرون می‌آیند، انگار که هم دور می‌شوند و هم می‌خواهند که پیدا شوند، و یا فقط به محافظت از رمز و راز خویش می‌پردازند. در تمامی عکس ها

حس شدیدی از محصور شدن، از خودداری و رستگاری خویش وجود دارد. این تصویرها به مسائلی همچون تنهایی، راه و رسم ارتباطات درونی و تکثیر شور و احساساتی می‌پردازد که سوال‌هایی هستی‌شناسانه بر می‌انگیزاند. برای رادمهر، زیرمتن آثارش فراتر از تصویرپردازی مسایل سیاسی اجتماعی در کشورش است، چراکه او به جستجوی شکستن مرزها است تا تمام عالم را در بر گیرد.

به نظر خود او، "در دنیای امروز، عکس‌هایی با موضوعات سیاسی و اجتماعی ایران، همچون حجاب به مثابه‌ی یک محدودیت، برای غربیان جذاب‌تر است" و در کار بسیاری از عکاسان امروزی دیده می‌شود. هرچند که خود او اعتراف می‌کند که چنین وجوهی در بطن کارهایش وجود دارد، و هرچند که به این مسایل اعتقاد دارد و با آن موافق است اما ترجیح می‌دهد که به شکل مستقیمی در عکس‌هایش به آن‌ها نپردازد. «برای من، خویشتن، و یا نفس انسان‌ها به عنوان یک موجود زنده، و جهان و رمز و رازش از با اهمیت‌ترین چیزها است. همچنین زن‌ها برای من بسیار خاص هستند. من گرایشی شدید و اسرارآمیز نسبت به آن‌ها دارم تا تمام جنبه‌های جهان آن‌ها را برانگیخته کنم. و در این میان، دوربین همچون سوراخی است که می‌توان‌ام از درون آن با دقت به خودم و زندگی نگاه کنم.»

تصویرِ سکوت، زندگی درونی

فرآیند خلاقیت در عکاسی رادمهر کاملا حسی و درونی است. او به کاوش در زندگی می‌پردازد، آن را درک می‌کند، و از طریق مشاهدات و احساسات‌اش دست به تفسیری دوباره از این صحنه‌ها می‌زند. و گاهی، خودش در برابر دوربین‌اش قرار گرفته و نقش هدایت‌گر عکس‌هایش را بر عهده می‌گیرد. بعضی از آثار او تحریک‌آمیزی بسیار اندکی دارند، چنانکه در عکسی، بدن زنانه با لباسی مردانه در مجاورتی غریب به تصویر کشیده می‌شود، و در عکسی دیگر کفش‌های زنانه، در انزوای اتاقی دنج و شخصی قرار گرفته است. در عکس دومی، جادو و جدیت، انگار می‌خواهند چیزی را بازگو کنند، و در تاریکی این فضا داستان و احساسی را به تصویر در آورند، همانند صحنه‌ای از یک فیلم که کفش‌ها حضوری اسرارآمیز می‌یابند و به فضای بی‌صدای اتاق شکل و فرم می‌بخشند.

در تصویرسازی و ساختن این جهان‌های شاعرانه است که آثار رادمهر صدای خود را می‌یابند. در عکسی که زنی محجبه، پوشیده در سیاهی، دست‌هایش را بر سینه‌هایش گذاشته است، انگار دارد چیزی زمزمه می‌کند. به شکل قابل توجه‌ای قلب او در پشت دست‌هایش در معرض نگاه ما قرار می‌گیرد. یک راز اعتراف شده؟ یک جنبه‌ی تشریفاتی در حالت این زن وجود دارد که خشک و آزاردهنده است. این عکس تصویری از یک زیبایی بزرگ است، چرا که درون روح آن زن را آشکار می‌کند و آن را همچون یک معما به نمایش می‌گذارد: همه چیز در حالت بدن و میان دست‌های بسته‌ی او نگه داشته شده. آیا می‌بینید؟ همه‌ی احساسات، همه‌ی رازها در ژستی انتقال داده می‌شود که انگار می‌خواهد همه‌ی آن‌ها را برای خودش نگه دارد، و در آنِ واحد به ما اجازه بدهد تا آن‌ها را دریابیم. عکاسی با لحنی مصرانه، همانند آن نمونه‌ای که زنی را نشان می‌دهد که با پس‌زمینه‌ای قرمز در زیر ردایی سیاه پنهان شده است. این بار، سکوت همچون اشاره و اخطاری است.

فرزانه رادمهر در تهران زندگی و کار می‌کند و عکس‌هایش را در ایران و دیگر کشورها به نمایش گذاشته است. ▪

Introspective photography beyond the borders:
silent images by Farzaneh Radmehr

Translation by Miguel Sulis

When do we, while in contact with art, not long for a meeting that is unusual? A unique finding that moves us, that poetically overcomes language and cultural barriers, and deconstructs our most hardened parameters such as disagreements and stereotypes that define and extend distances? The Iranian photographer Farzaneh Radmehr creates images to reconstruct her look upon herself and the world, her silent scenes, naturally introspective, generate their own voice. Her photos are created, constructed as image-poems, as self-liberation and desire, standing out against every foreign word. But would she imagine, as the creator of that voice, just how close she is to breaking down boundaries, promoting encounters with her art, reinventing fictions and stimulating reflections and feelings? Not only do her pictures reunite the artist with the creator, meaning a response to a reality which is her very own, but they also offer us a rare opportunity, enabling photography to be so inclusive and enchanting, that it can overtake the heart of human affairs, which, to a greater or lesser extent, we can all recognize and share.

Hijab (veil)

The poetic image is pure desire, a metaphor involving reality as a veil. A "Veil" that fades away when it changes the meaning of what it covers, reinventing its forms, creating them and making them emerge. Radmehr's pictures elaborate this alchemy, recreate a world. A silent world nonetheless, as if language needed a silence of its own, as if it asked for it, demanded it, layer by layer... overlays of meanings.

In the series in which the photographer works on the performance of veiled women, a characteristic symbol of the Iranian women's world, she does not restrict its meanings and strength. The world beneath the veil of these images is rather a human maze. The scene, a closed space, a space where interior performances are expressed as a dance. Somewhat symbolic, women are like phantoms, spiritual allegories that dialogue with their own feelings, versions of the same woman being multiplied, or perhaps a feminine vision that sometimes protects itself and then undresses its own memories. Figures that both enter and emerge from the atmosphere of the place, as if drifting or trying to be found, as if protecting their secrets. There is a strong sense of enclosure, of self-restraint, of self-redemption. These are images that deal with loneliness, an internal incommunicable ritual, reproducing sensations that arise as existential questions. To Radmehr, the context of her work extends beyond portraying socio-political issues of her country, for she seeks to break boundaries, to encompass the cosmos.

For her, in today's world "photos with political and social themes of Iran are more attractive for people abroad like *Hijab*, women limitation," which are present in the work of many photographers. However,

she adds that, such matters are present in her work in an underlying way, along with her belief in these issues or her agreement with them, although she prefers not to show them in her pictures directly. "For me the self, or the ego of human beings as a creature, the cosmos and all secrets are the most important thing. Also ‘women’ are very special for me. I have a strong and mysterious tendency for this creature to provoke every part of her world. The camera is a hole which I could look to myself and life precisely!"

Silent images, inner life

The creative process of the photographer is thoroughly intuitive and sensitive. She explores life, seizes it, reinterprets its scenes guided by seeing and feeling. And often, she poses for the photos herself, taking the role of direction. In this sense, some of her works are at least provocative, as in the female body pictures with a male shirt in strange proximity and the one in which women's shoes lie in the solitude of an intimate bedroom. The latter, magic and solemn, seems to want to reveal something, print its story and feeling in the darkness of its environment, for, as in a movie scene, the shoes evoke a mysterious presence, granting form to the quiet atmosphere of the place. And as a sign, a witness, the image re-imagines a past and a future.

It is conceiving and building these poetic universes that Radmehr’s work finds its voice. In the photograph in which a veiled woman, entirely clad in black, joins her hands over her chest, she seems to whisper. Significantly, her heart is exposed while hiding behind her hands. A confessed secret? There is a ritualistic aspect of this act that is disturbing and solemn. This image is a picture of great beauty, for it represents the inside of her soul, revealing it as a puzzle: everything is kept between her hands, in her gestures. Do you see? All the feelings, all the secrets, communicated by a gesture signifying that she wants to keep them all to herself and at the same time, allowing us to feel them. Photography as urgent as the work featuring a woman hidden under a black mantle on a red background. The silence, now, as a manifest and alarm.

Farzaneh Radmehr lives and works in Tehran. She has exhibited works in art galleries in Iran and many other countries. ▪

(n.t.) FICHA

Reprodução das obras
© Farzaneh Radmehr

Fotos da artista
© Saeed Rezvanian

Acervo virtual consultado
© www.farzanehradmehr.com

Tradução ao farsi
Mehdi Javaherian Rad

Tradução ao inglês
Miguel Sulis

Consultoria linguística
Scott R. Hadley

FARZANEH RADMEHR

fotografia

suplemento de arte 7º

2015

Sem título, 2011

Voando baixo, 2010

Sem título, 2010

Sem título, 2010

Sem título, 2010

Sem título, 2010

Sem título, 2011

Sem título, 2012

Sem título, 2011

Feminidade, 2010

(n.t.

ILUSTRAÇÃO

Figuras míticas e emoções legendárias: o tesouro "pessoal" de Rose O'Neill

Mythical figures and legendary emotions: Rose O'Neill's "personal" treasure

Aline Daka

ENSAIO BILÍNGUE/BILINGUAL ESSAY

Descobrir uma obra como a da Rose O'Neill é penetrar num campo de forças de grande vitalidade. Toca-nos sermos surpreendidos pelos movimentos de sua expressão, por seus traços delicados e tempestivos, e por sua inteligência espantosa, marcadamente eloquente. É no envolvimento com os desdobramentos de sua obra que descobrimos o seu tesouro, aquilo que a artista denominava como seu "trabalho pessoal" e que ora se mostra um pouco às claras, ora às escuras, como a parte mais sensível de sua produção artística. Quem a conhece apenas por meio da famosa personagem e boneca Kewpie, pode não imaginar sua versatilidade como criadora. Apesar da expressiva produção de ilustrações publicitárias, produtos e *cartoons* de sucesso, pelos quais é reconhecida, são outras imagens, mais emocionais e sublimes que compõem o seu tesouro "pessoal".

Às claras e às escuras

Às claras, O'Neill era ainda muito jovem quando apresentou suas primeiras ilustrações e desenhos aos periódicos, quando ainda assinava com a sigla "CRO" para esconder sua identidade feminina. Apesar disso, sua excelência artística seria logo reconhecida pelos veículos de publicidade, revelando-nos uma autêntica cronista, cujas ilustrações misturavam traços estilizados e decorativos com certo "realismo caricatural" e refinado senso de humor, além de mensagens com um forte conteúdo questionador. Foi através dessas imagens "conscientes" que a artista também exerceu forte influência política, responsabilizando-se frente às mudanças socioculturais de seu tempo. O'Neill é a criadora da boneca Kewpie, uma bebê de formas sinuosas e simplificadas, oriunda de um sonho e inspirada no mito

do cupido. A boneca foi utilizada simbolicamente como parte de uma renovação do olhar social frente à infância e para afirmar, política e culturalmente, um ponto de vista do feminino na vida coletiva. Por essa razão, Kewpie figurou em cartazes e panfletos, sendo símbolo de luta do movimento sufragista nos EUA no qual O'Neill se envolveu.

Às escuras, porém, O'Neill trabalhava sua arte a partir de um universo mais pessoal, com temas densos e sentimentais. Autodidata, ela mesma se responsabilizou por sua formação artística, estudando a fundo as possibilidades do desenho a partir de ilustrações encontradas na biblioteca de seu pai. Por isso, foi fortemente influenciada pelo movimento simbolista na arte e na literatura e pelos traços estilizados e expressivos da *art nouveau* inspirados nas formas da natureza. O'Neill admirava histórias clássicas, mitologias e contos infantis, além de ser uma ávida leitora de poesia. Mediante esse diálogo com a tradição, realizou uma extensa e paralela produção de obras destinadas à poesia, de modo que as ilustrações, pinturas, esculturas e poemas desse período transcendem a linguagem que costumava utilizar nos desenhos para a imprensa, impregnados de cotidiano. Tais obras são de grande densidade subjetiva e, por isso, menos explícitas. Com elas, a artista pôde atravessar as fronteiras do dia e da noite, definindo as polaridades de uma obra que se exibe intensa.

Poeta

"*I am in love with magic and monsters,*
and the drama of form emerging from the formless."
Rose O'Neill

O conjunto mais denso da obra de O'Neill torna o sentido de "sério" e "pessoal" uma metáfora. Ao trabalhar com matérias e conceitos mais subjetivos, criar imagens mais emocionais, repletas de alegorias e simbologias, ela nos propõe um novo repertório de significações. Para O'Neill, o maravilhoso reside e se expressa nas histórias e mitos que, como tais, possuem o poder de transcendência e de sonho, integrando a humanidade numa visão poética de mundo e elevando, assim, sua condição. E uma vez que todos os mistérios tornam-se possíveis, os "dramas", por sua vez, podem emergir *magicamente* das formas reais da natureza.

No desenho "Imagens da mente", O'Neill adota uma via poética. Nele, as visões da mente assombram o olhar de uma personagem feminina como um pesadelo. A gestualidade tormentosa e ondulante do traço acentua a musicalidade e o vigor poético da imagem. Desenha o movimento das aparições, figuras literárias e fantásticas que revoluteiam formando uma matéria densa e uniforme. Bestas, alegorias da infância e da velhice exibem-se como pura demonstração de emoções. É a visão do tormento e da delicadeza de uma mente pensante e criativa que na escuridão se desvela surpreendentemente em vigília. Não se trata de uma obra que ilustra alguém pensando a fim de comunicar algo, mas uma obra que representa o próprio conceito-pensamento-sonho pela sua grandiosidade artística.

O olhar poético de O'Neill projeta e recria mitos e emoções. A série intitulada "Doces monstros" resulta na mais representativa de suas produções "sérias", abrangendo pintura, desenho e escultura. Essas obras dialogam com dramas universais, elaboram versões para os mitos gregos e do folclore irlandês que tanto a inspiravam. Seres que ressurgem da natureza como verdadeiros "monstros", porém capazes de representar as emoções românticas mais sutis. São figuras híbridas, seres mágicos e corporalmente poderosos, que combinam animalidade aos sentimentos e pensamentos humanos mais sublimes. Dentre essas obras, algumas são tão extenuantes e sinestésicas que figuram como verdadeiras conquistas da união forma-poesia, como a pintura de uma felina humanoide que, em chamas rosadas, transubstancia-se em emoções. Essas obras líricas da artista atravessam o conjunto da sua produção com grande intensidade e instauram um permanente diálogo com o sonho e a imaginação que atravessam os tempos como uma sombra.

O'Neill morreu em 1944, aos 69 anos, na cidade de Springfield, no Missouri, Estados Unidos. Atualmente, a coleção de suas obras pode ser encontrada no Museu Bonniebrook. ▪

Rose O'Neill
Arquivo (n.t.)

Mythical figures and legendary emotions:
Rose O'Neill's "personal" treasure

Translation by Miguel Sulis

To discover a work like Rose O'Neill's is to enter a force field of great vitality. It is quite touching to be surprised by the movements of her expression, by her delicate and stormy lines, and her amazing and remarkably eloquent intelligence. Getting involved with the unfolding of her work we discover her treasure, that which the artist termed as her "personal work" and that sometimes shows itself clearly, and at other times darkly, as the most sensitive part of her artistic production. Those who know her only through her famous character, the Kewpie Doll, cannot imagine her versatility as a creator. Despite the significant production of advertising illustrations successful products and cartoons, for which she is recognized, there are other images more emotional and sublime, and those make up her "personal" treasure.

Clearly and Darkly

Clearly, O'Neill was still very young when she made her first illustrations and drawings at the time she used to sign "CRO" in order to hide her feminine identity. Nevertheless, her artistic excellence would soon be recognized by advertising vehicles, revealing to us an authentic chronicler, whose graphics mixed stylized and decorative features with a certain "caricatured realism" and a refined sense of humor, as well as messages with a strong critical content. It was through these "conscious" images that the artist attained a strong political influence, claiming responsibility in the face of socio-cultural changes of her time. O'Neill is the creator of the Kewpie Doll, a baby of sinuous and simplified forms, originating from a dream and inspired by the cupid myth. The doll was used symbolically as part of a renewal of the social perception on childhood and to affirm, politically and culturally, a female point of view in the collective life. For this reason, Kewpie figured on posters and flyers and symbolizes the struggle of the suffrage movement in the US in which O'Neill was involved.

Darkly, however, O'Neill worked her art from a more personal universe, with dense and sentimental themes. Self-taught, she took responsibility for her artistic training by studying in depth the possibilities of drawing from illustrations found in her father's library. She was strongly influenced by the symbolist movement in art and literature and the stylized and expressive features of art nouveau inspired by the forms of nature. O'Neill admired classic stories, mythologies and fairy tales; she was an avid reader of poetry as well. Through this dialogue with tradition, she conducted an extensive and parallel production of works for poetry, thus the illustrations, paintings, sculptures and poems of this period transcend the language she generally used in the drawings for the press, impregnated by daily life. Such works are of great subjective density and therefore less explicit. With them, the artist was able to cross the borders of day and night, setting the polarities of a work that intensely displays itself.

Poetess

"I am in love with magic and monsters,
and the drama of form emerging from the formless."
Rose O'Neill

The denser set of O'Neill's work turns the sense of "serious" and "personal" into a metaphor. Working with more subjective materials and concepts, creating more emotional images, full of allegories and symbols, she proposes a new repertory of meanings. For O'Neill, the wonderful lies and is expressed in stories and myths, that as such, have the power of transcendence and dream; integrating humanity into a poetic worldview and in doing so, elevating its condition. And since all the mysteries are now possible, the "drama", in turn, can magically emerge from the actual shapes of nature.

In the drawing "Mind Images," O'Neill uses a poetic mode. In it, the visions of the mind haunt the look of a female character like a nightmare. The stormy and waving gesture of her lines emphasize the musicality and the poetic force of the image as a whole. She draws the movement of appearances, literary and fantastic figures that revolve forming a dense and uniform matter. Beasts, childhood, and old age allegories show up as a pure demonstration of emotions. It is the tormented and delicate vision of a thinking and creative mind that, in the darkness, surprisingly reveals itself awake. This is not a work that shows someone thinking in order to communicate something, but a work that is the very concept-thought-dream in its artistic grandeur.

O'Neill's poetic look designs and recreates myths and emotions. The series entitled "Sweet monsters" is the most representative of her "serious" productions, including paintings, drawings and sculptures. These pieces interact with universal dramas, elaborate versions of the Greek myths and Irish folklore that were her source of inspiration. Beings re-emerging from nature as true "monsters," but able to represent the most subtle romantic emotions. Hybrid figures, magical beings with powerful bodies, combining animality with feelings and the most sublime human thoughts. Among these works, some are so strenuous and synesthetic that they could be listed as achievements of a true union of poetry and form, like the painting of a feline humanoid that, amidst pink flames, transubstantiates into emotions. These lyrical works of the artist go through the whole of her production with great intensity and establish a permanent dialogue with both dream and imagination, crisscrossing time like a shadow.

O'Neill died at the age of 69 in 1944, in Springfield, Missouri USA. At present, the collection of her works can be found in the Bonniebrook Museum. ▪

(n.t.) FICHA

Reprodução das obras
© Rose O'Neill,
direitos reservados à artista.

Acervo virtual consultado
© www.roseoneill.org

Tradução ao inglês
Miguel Sulis

Consultoria linguística
Scott R. Hadley

Pictorial People
This cover picture was used in 1914
several monthly articles on
an unusual incident to happen
the cover picture first appeared
GOOD HOUSEKEEPING
Good Housekeeping
Above: A group of magazines with O'Neill illustrations. Good Housekeeping ran a series of stories with life-type situations and suitable illustrations. The series ran from May, 1914, through July, 1919. The magazine changed in size with the August, 1916, issue being the last small size; September, 1916, being the first large size.
THE LADIES HOME JOURNAL

ROSE O'NEILL

ilustração

suplemento de arte 7º

2015

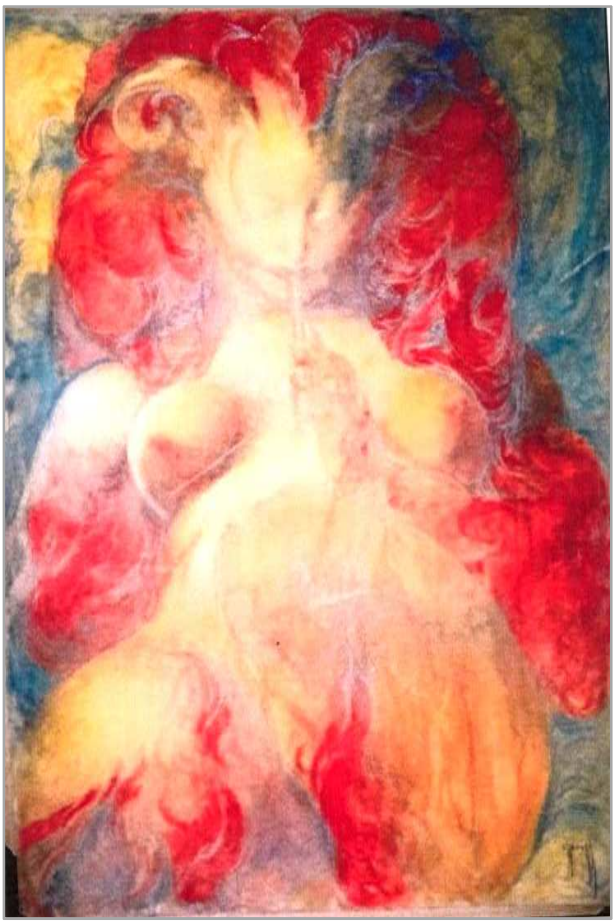
Signos, 1904

A bela dama, 1905

Paulo e Francesca, 1905

O mago e a criança, 1905

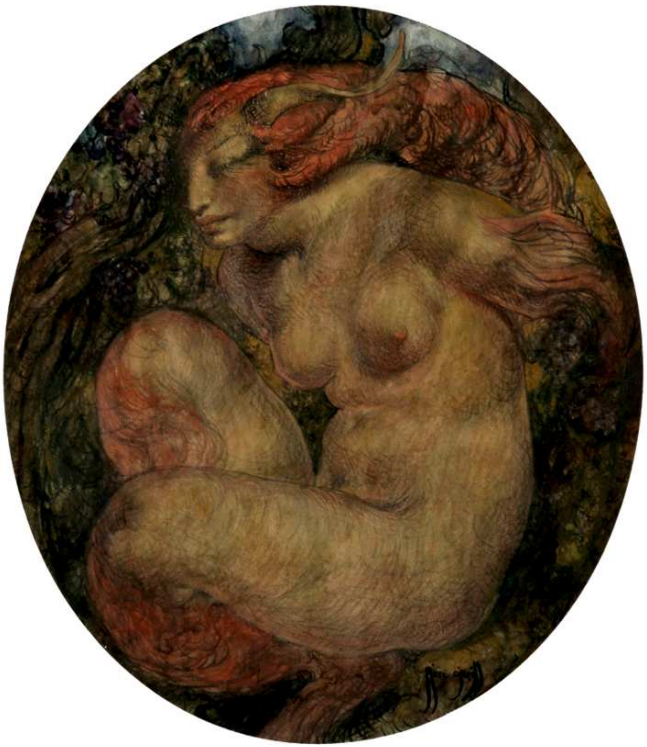
A noiva, 1913



Sem título, 1921

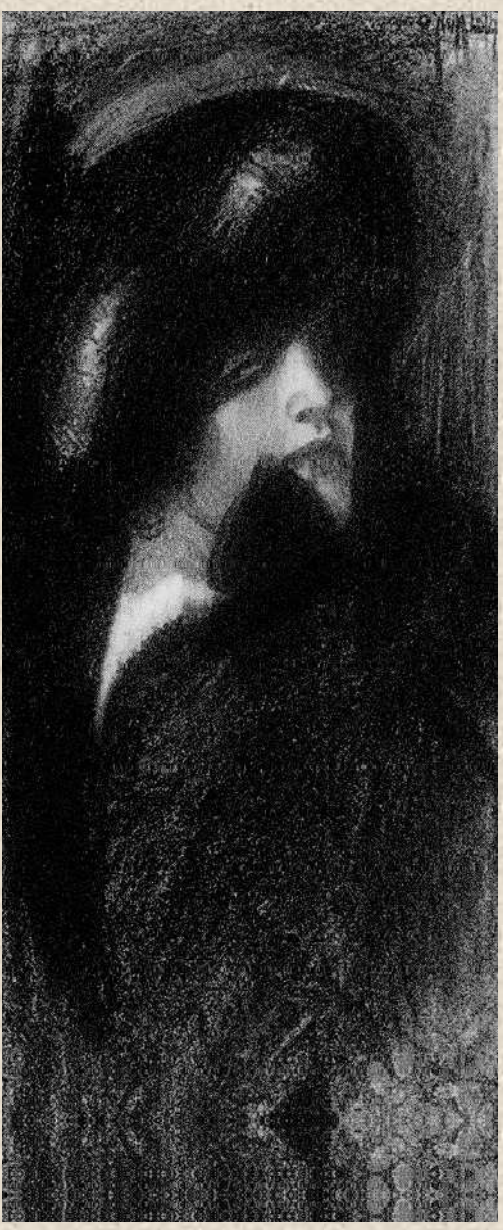
Mulher gato, 1922-23

Medusa, 1921



A faunesa vermelha, 1900

O beijo, [s.d.]



www.notadotradutor.com/galeria

(n.t.)